

METÁFORAS MILITARES E CONSTRUÇÃO DA BIPOLARIDADE¹

METÁFORAS MILITARES Y CONSTRUCCIÓN DE LA BIPOLARIDAD

MILITARY METAPHORS AND THE CONSTRUCTION OF BIPOLARITY

Camila de Almeida Lara*

Fábio Lopes da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este trabalho busca investigar a emergência de metáforas conceituais em textos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria* entre os anos de 2011 e 2015 cuja temática gira em torno do transtorno bipolar. Os objetivos deste texto são investigar quais metáforas poderiam ser deduzidas a partir das expressões linguísticas utilizadas pela classe médica em matérias acerca do transtorno bipolar, além de analisar como a expressão da experiência psiquiátrica relacionada a uma suposta doença mental pode dar indícios sobre sua conceptualização. O trabalho assume a metáfora não como simples figura retórica, mas como uma operação cognitiva fundamental que, a partir dos estudos seminais de Lakoff e Johnson, passa a ser percebida como componente essencial da linguagem cotidiana e do modo ordinário de conceptualizar o mundo. Os resultados apontam que a conceptualização da suposta doença baseia-se em um número relativamente pequeno de domínios-fonte com prevalência do domínio guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Metáfora Conceptual. Análise Crítica da Metáfora. Transtorno Bipolar.

RESUMEN: Este trabajo busca investigar una emergencia de metáforas conceptuales en textos publicados en *Revista Debates en Psiquiatria* entre los años 2011 y 2015 cuya temática gira en torno al trastorno bipolar. Los objetivos del texto son preguntas de investigación y las estadísticas sobre el lenguaje bipolar, así como la expresión de la experiencia psiquiátrica y la teoría de la enfermedad bipolar, así como el análisis y la experiencia en la experiencia psiquiátrica y la supuesta enfermedad mental puede dar indicios en su conceptualización. El trabajo asume una metáfora no como simple figura retórica, más bien como una operación cognitiva fundamental, a partir de los estudios semánticos de Lakoff y Johnson, pasará a ser un componente esencial de la lengua cotidiana y el modo ordinario de conceptualizar el mundo. Los resultados de una conceptualización de la base de datos se basan en el número de personas en la red con la prevalencia de la guerra.

PALABRAS CLAVE: Teoría de la Metáfora Conceptual. Análisis Crítico de la Metáfora. Trastorno Bipolar.

ABSTRACT: This article aims to investigate the use of conceptual metaphors in texts published in the periodical *Debates em Psiquiatria*, between the years of 2011 and 2015. The texts are all about Bipolar Disorder. Our goals with this paper were to investigate which metaphors could be deduced from the linguistic expressions used by the medical class in the subjects related to

¹ Esse texto é um recorte da discussão proposta na dissertação de mestrado “O jogo metafórico do Transtorno Bipolar: presença e ausência na *Revista Debates em Psiquiatria*” (LARA, 2017), a qual buscava investigar a emergência de metáforas conceituais em textos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria*, entre os anos de 2011 e 2015, cuja temática girava em torno do Transtorno Bipolar, sob orientação do professor Fábio Lopes da Silva.

* Mestra e Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística (UFSC). Bolsista CNPQ. E-mail: <camilaalara04@gmail.com>.

** Professor do Departamento de Língua e Literatura Vernácula e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <flopes@cce.ufsc.br>.

Bipolar Disorder, to analyze how these expressions are related to a supposed mental illness, and how they can give indications about their conceptualization. In order to do so, we take metaphor not as a simple rhetorical figure, but as a fundamental cognitive operation that, from the seminal studies of Lakoff and Johnson, comes to be perceived as an essential component of everyday language and also in the ordinary way of conceptualizing the world. The results pointed that the required sources used for the conceptualization of the alleged disease were based on a relatively small number, and the most prevalent domain was war.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor Theory. Critical Analysis of Metaphor. Bipolar Disorder.

1 INTRODUÇÃO

A Associação Brasileira de Transtorno Bipolar estima que cerca de 1,8 a 15 milhões de brasileiros sejam portadores do transtorno bipolar², nas suas diferentes formas de apresentação. A afecção seria caracterizada por alterações de humor que se manifestam em episódios depressivos e alternam-se com episódios de euforia, também denominados de mania, em diversos graus de intensidade.

Desse modo, o transtorno bipolar, tomado ou produzido como doença mental, aparece como objeto de discursos e práticas médico-psiquiátricas. Outrora visto como uma reação a fatos cotidianos, o transtorno tem sido tema de inúmeras publicações científicas. É, além disso, obstinadamente mencionado em veículos não científicos e em vulgarizações, a despeito das dificuldades relativas à delimitação de uma definição precisa e de um objeto específico que constituam a “personalidade maníaco-depressiva”.

Conforme já retratado por Brzozowski (2013), a ampla divulgação proporcionada pelas atuais tecnologias e mídias eletrônicas ajuda a difundir esses tipos de condições que a Psiquiatria considera patológicas e suas terapêuticas, chamando a atenção para possíveis sintomas e mobilizando a vigilância de comportamentos que poderiam ser indícios patológicos.

Assim acontece com a psicose maníaco-depressiva, ou, mais recentemente, transtorno bipolar³. Uma importante referência na abordagem do transtorno bipolar é a revista *Debates em Psiquiatria*, publicação bimestral da Associação Brasileira de Psiquiatria dirigida exclusivamente a médicos, pesquisadores e estudantes da área da Psiquiatria. Disponível eletronicamente, ela pode ser acessada por qualquer cidadão que busque informações médicas acerca da patologia.

No horizonte das ciências humanas, alguns trabalhos indicam como o discurso científico pode influenciar a recepção a certas doenças e as práticas sociais a elas associadas, quer estejam ligadas ao corpo, quer à mente. Analisar a linguagem que se concretiza verbalmente nesses discursos é a temática central deste texto.

Nosso ponto de partida é a afirmação de Sontag (1984) de que o uso da metáfora na referência a doenças pode produzir estereótipos e aumentar o sofrimento daqueles que padecem de determinadas patologias, revelando muito sobre a ideia de morbidez e sobre a evolução das doenças. Nesse sentido, é mister perscrutar textos científicos que abordem uma suposta doença mental que, antes da ampliação diagnóstica atingiria menos de 1% da população mundial e, após a expansão, poderia acometer até 8% da população (LIMA et al. 2005).

Como parte de um esforço de reposicionamento teórico, nosso objetivo é pensar como a conceptualização do transtorno bipolar foi construída em textos publicados pela *Revista Debates em Psiquiatria* por meio de metáforas. Neste texto, deslocamos a atenção sobre um objeto tão incerto quanto o transtorno bipolar e os discursos médicos acerca da patologia para um campo distinto dos estudos discursivos, o território da Semântica Cognitiva. Em especial, investigamos quais metáforas conceptuais organizam o discurso científico sobre o transtorno bipolar, assumindo que se trata de uma experiência abstrata de uma condição movediça que, ainda assim, recebe o rótulo de doença.

² Essa disparidade entre a quantidade de sujeitos que seriam supostamente atingidos pelo transtorno bipolar por si só pode ser índice da vagueza e da dificuldade em diagnosticar corretamente o transtorno bipolar. Na teoria, a classificação das doenças mentais segundo seus sintomas seria bem organizada em categorias discriminadas, sem muitas ambivalências, mas na prática o que se percebe é que o sinal de doença não é necessariamente claro (LANGDON, 2003).

³ Não encaramos as mudanças em torno do transtorno bipolar como evoluções da ciência, que chegariam cada vez mais próximas a uma verdade. Compreendemos, com Foucault (2006), a Psiquiatria como um saber cujos conceitos são construídos e mudam ao longo do tempo.

Embora a referência a enfermidades por meio de termos metafóricos seja recorrente na história da humanidade, a metáfora é estudada por diferentes perspectivas, que, se não contraditórias entre si, não comungam de muitas semelhanças. Assim, a discussão empreendida neste estudo não pretende traçar uma perspectiva cronológica dos estudos acerca da metáfora, tampouco resumir a literatura destinada a essa problemática.

Desse modo, partimos da tese defendida por Lakoff e Johnson (1999), que retira o *locus* da metáfora da linguagem para introduzi-la no *locus* do pensamento, e aposta no pressuposto de que a metáfora não faz parte apenas na linguagem poética ou retórica, estando também, e sobretudo, infiltrada na linguagem ordinária. Mais do que um mero recurso linguístico, a metáfora seria parte da linguagem cotidiana e componente essencial do modo ordinário de conceptualizar o mundo.

Ao longo dos estudos sobre as metáforas conceptuais, tal conceito vem sendo aperfeiçoado por diferentes perspectivas, as quais tomam como alicerce a identificação de domínios conceptuais evidenciados por expressões linguísticas, como propuseram Lakoff e Johnson (1999). Uma dessas perspectivas é a da Análise Crítica da Metáfora, assumida por Charteris-Black (2004). Essa proposta teórica, ao integrar os conhecimentos da análise crítica do discurso ao estudo do fenômeno metafórico, defende o potencial da metáfora na construção de representações do mundo e na compreensão humana de vários aspectos da vida social e política, além de reconhecer seu papel vital na formação de crenças, atitudes e ações e na influência de condutas pessoais e sociais (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 28).

Nosso *corpus* é constituído por artigos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria*, destinada exclusivamente ao público médico. Esse material foi selecionado pelo fato de ter amplo e fácil acesso *on-line*, pela grande quantidade e multiplicidade de textos que versam sobre a bipolaridade e por sua representatividade no meio científico, uma vez que se trata da revista oficial da Associação Brasileira de Psiquiatria.

É, então, no entendimento dos sujeitos bipolares não como realidade plena, mas como figuras produzidas pelo saber contemporâneo que se propõe a análise das metáforas que a classe médica utiliza para fazer referência às comorbidades da doença bipolar.

A fim de entendermos de que forma as metáforas organizam o conceito de bipolaridade, organizamos esse texto em três seções. A primeira delas situa nosso estudo em termos teórico-epistemológicos, dando destaque à obra seminal de Lakoff e Johnson (1999) e à proposta de análise das metáforas de Charteris-Black (2004). Embora as duas perspectivas não divirjam quanto à motivação da emergência da metáfora, a primeira tende a uma abordagem universalista e descontextualizada da metáfora, enquanto a segunda procura demonstrar como a metáfora conceptual é inteiramente contextualizada e discursivamente construída (CHARTERIS-BLACK, 2004). Na seção seguinte, discorreremos sobre a metodologia adotada e o *corpus* de análise.

Para entendermos de que forma as metáforas influenciam a recepção do transtorno bipolar, na terceira seção, apresentamos a análise tecida neste estudo e a classificação do domínio-fonte mais produtivo na conceptualização metafórica da bipolaridade, o qual legitima o aparecimento das metáforas usuais no campo da Psiquiatria e da medicina e mostra como a bipolaridade constitui-se por um processo epistemológico e também por processos cognitivos que as metáforas encarnam.

2 SOBRE A METÁFORA CONCEPTUAL

Uma vez evidenciado que o arcabouço teórico do presente estudo emerge tanto da Linguística Cognitiva, que tem nas metáforas um de seus principais objetos de estudo, quanto da Análise Crítica da Metáfora, que ressalta o aspecto social dos estudos cognitivos, pretendemos, nesta seção, explorar algumas questões teóricas envolvidas no entendimento das metáforas a partir das abordagens da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e da Análise Crítica da Metáfora.

Na tradição retórica, a metáfora era considerada predominantemente um instrumento para a imaginação poética, sem nenhum valor cognitivo, e era vista apenas como um desvio da linguagem usual. Foi somente a partir do século XX que o papel da metáfora

como simples figura retórica começou a ser questionado. Com a publicação de *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) produziram uma ruptura no paradigma objetivista⁴ da metáfora.

Ao atribuir à metáfora um *status* epistemológico que recusaria a possibilidade de qualquer acesso verdadeiro à realidade, *Metáforas da vida cotidiana* contribuiu para mudar uma história de mais de dois milênios, expandindo o escopo cognitivo da metáfora na direção de uma grande quantidade de conceitos cotidianos como o amor, as discussões, a vida e as ideias.

De acordo com Vereza (2013), o livro promoveu o entendimento da metáfora na linguagem e, principalmente, no pensamento, uma vez que, nessa perspectiva, as metáforas podem ter como base fundante tanto a corporeidade (experiências sensorio-motoras, de caráter mais universal) quanto a dimensão cultural da experiência. Estudar a metáfora passou a representar um importante meio para a compreensão do papel do corpo e da cultura, intermediados pela metáfora, na produção de sentidos.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que a metáfora está infiltrada em nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Para os autores (2002 [1980], p. 45), o “[...] nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. A metáfora, na concepção da semântica cognitiva, estende seus efeitos às práticas corriqueiras e estrutura os modos pelos quais nos comportamos no mundo e nos relacionamos com as pessoas. Assim, ela é parte de um “inconsciente cognitivo coletivo” e mantém relação de determinação com a cultura e com a língua.

A partir das considerações iniciais a respeito da metáfora, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) introduziram a noção de “metáfora conceptual”, com a intenção de indicar que os conceitos pelos quais somos governados não seriam meras questões de intelecto, mas governariam nossa atividade cotidiana nos detalhes mais triviais. Os autores (2002 [1980]) argumentam que os processos do pensamento são, na maioria das vezes, metafóricos, e que a metáfora, na verdade, deve ser vista como um conceito metafórico que se manifesta de diferentes maneiras na linguagem.

Vereza (2010) chama a atenção para o interesse dos estudiosos cognitivistas da metáfora, indiciando

[...] A identificação por meio das marcas linguísticas, das metáforas conceptuais que as subjazem. Compreender a forma pela qual o homem vê parte de sua experiência (normalmente as mais abstratas) pela lente de outras mais concretas (principalmente aquelas relativas à corporeidade) e a relação dessas conceptualizações metafóricas com a cultura é o objetivo central dos adeptos da TMC. (VEREZA, 2010, p. 206).

Ao pensar no objetivo central da TMC, acreditamos que a utilização das metáforas em artigos médico-psiquiátricos, objeto de estudo deste texto, não serve apenas como adereço à escrita, mas traz à tona uma tentativa de descrever e caracterizar a doença bipolar. Na seção seguinte, pretendemos realizar a leitura⁵ dos usos metafóricos na descrição da bipolaridade, mas antes se faz necessário aprofundar alguns conceitos acerca da metáfora conceptual, tais como a estruturação metafórica proposta pela TMC.

2.1 A ESTRUTURAÇÃO METAFÓRICA PELA TMC

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) observam que, ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, a metáfora não é apenas uma questão de linguagem extraordinária, mas um caso de linguagem ordinária, que se infiltra nos usos mais corriqueiros e governa nosso pensamento e nossa ação cotidiana.

A fim de ilustrar essas posições, os autores (2002 [1980], p. 48) estabelecem uma diferença entre *metáfora* como um conceito metafórico em nosso sistema conceptual e *expressões metafóricas* como verbalização desse conceito. Segue-se dessa distinção que ao

⁴ Em *Women, fire and other dangerous things* (1987, p.165), Lakoff argumenta que a visão objetivista da metáfora, proposta pela filosofia, é inadequada para o estudo das línguas naturais. O paradigma objetivista bane a metáfora do reino dos “conceitos verdadeiros”, por acreditar que aspectos imaginativos da psicologia humana como a metáfora, a metonímia e imagens mentais introduzem aspectos não objetivos da realidade e, assim, não geram representações precisas do conhecimento.

⁵ A leitura, procedimento para a identificação das metáforas, tal como aponta Sardinha (2007), é um dos métodos que podem auxiliar o pesquisador na instauração de um corpus.

usarmos o termo metáfora, estaremos pensando em conceitos metafóricos que são externados na linguagem por expressões metafóricas.

Baseando-se em evidências linguísticas, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) constataram que a maior parte de nosso sistema conceitual ordinário é de natureza metafórica. Ato contínuo, identificaram alguns dos conceitos metafóricos segundo os quais nós vivemos sem termos muita consciência, como o célebre exemplo DISCUSSÃO É GUERRA⁶. Note-se que o conceito de discussão é ao menos parcialmente estruturado, compreendido e realizado na linguagem em termos de batalha, o que é sugerido por uma grande variedade de expressões metafóricas⁷, como:

- (1) *Seus argumentos são indefensáveis.*
- (2) *Ele atacou os pontos fracos do meu argumento.*
- (3) *Suas críticas foram direto ao alvo.*

Assim, o *locus* da metáfora (conceito metafórico) é o pensamento, enquanto o *locus* das expressões metafóricas é a linguagem. As expressões metafóricas são expressões linguísticas através das quais o conceito metafórico é externado (GUEDELHA, 2013).

O conceito metafórico DISCUSSÃO É GUERRA ilustra a sistematicidade dos conceitos metafóricos e esclarece a essência da metáfora que é “[...] compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Uma vez que o conceito metafórico é sistemático, a linguagem utilizada para falar sobre um dos aspectos do conceito é, ela também, sistemática.

Outros conceitos metafóricos que estruturam nossas vidas são os conceitos ligados ao tempo, como TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, TEMPO É UM RECURSO VALIOSO. Eles teriam surgido nas sociedades industrializadas e estruturam as atividades cotidianas básicas.⁸ Derivariam da forma pela qual o conceito de trabalho desenvolveu-se nas sociedades ocidentais modernas, em que é associado ao tempo e quantificado com precisão: paga-se e recebe-se pelas horas, semanas ou meses trabalhados.

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é a sistematicidade dos conceitos metafóricos que nos permite compreender um conceito em termos de outros, e é essa sistematicidade que, por outro lado, necessariamente encobrirá outros aspectos de um conceito. Os autores (2002 [1980]) sinalizam que, ao permitir que se focalize um aspecto do conceito, um conceito metafórico pode nos impedir de focalizar outros aspectos que sejam incongruentes com a metáfora. Sendo assim, quando pensamos no conceito de discussão em termos bélicos, podemos nos esquecer, por exemplo, de seus aspectos cooperativos.

Um conceito metafórico que mostra como podemos realçar e encobrir aspectos por meio de metáforas, e que teve grande influência na obra de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), foi o da metáfora do canal (*conduit metaphor*) proposto por Reddy (1979). Segundo esse conceito, a linguagem constitui-se como um veículo para o pensamento que é expresso univocamente pelas palavras. Vivemos imersos nesse conceito, na ilusão da univocidade e da transparência da linguagem, o que estrutura o nosso sistema de comunicação (ZANOTTO, 1998).

Cabe ressaltar ainda que a estruturação metafórica defendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) é sempre parcial e não total, uma vez que, se fosse total, um conceito seria outro, e não apenas entendido em termos de outro. O exemplo dos autores é o do conceito de tempo, que realmente não é dinheiro. Gastamos o tempo, mas não temos como consegui-lo de volta, não existem agiotas ou

⁶ Os conceitos metafóricos são transcritos por Lakoff e Johnson com letras maiúsculas, e as expressões metafóricas são transcritas com letras minúsculas. Optamos por continuar com essa codificação, por acreditar que ela seja a mais adequada para diferenciar os dois conceitos.

⁷ Os exemplos de expressões metafóricas utilizados nesta seção podem ser encontrados em *Metáforas da vida cotidiana*.

⁸ Embora o trabalho de Lakoff e Johnson tenha ganhado popularidade entre os estudos da metáfora, críticas a esse modelo de estudo apontam o fato de os exemplos utilizados serem inventados e baseados na noção de um falante-ouvinte ideal. Censura-se também a ênfase dada aos processos cognitivos em detrimento dos aspectos sociais. No entanto, percebemos que os autores apontam para fatores sociais e para as possíveis implicações decorrentes do uso metafórico em discursos cotidianos. Ou seja, uma abordagem crítica da metáfora também já aparece nos trabalhos dos proponentes da TMC e não é restrita a trabalhos posteriores.

bancos que podem emprestar ou devolver uma quantidade de tempo. Assim, uma parte do conceito metafórico TEMPO É DINHEIRO não é aplicada na compreensão do conceito.

Ainda assim, insistamos, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que os conceitos metafóricos podem ser entendidos além do domínio das formas literais ordinárias de pensar e falar, quando passamos para o domínio do que os autores chamam de pensamento e linguagem figurados, poéticos. Dessa forma, quando os autores dizem que um conceito é estruturado por uma metáfora, na verdade, querem dizer que ele é parcialmente estruturado, podendo expandir-se de algumas maneiras, e não de outras.

Sardinha (2007) destaca que, além dos conceitos de metáfora conceptual e expressão metafórica, o domínio também é um conceito caro para a TMC, ramificando-se em duas vertentes: domínio fonte, aquele que envolve aspectos mais concretos de nossa experiência, e domínio alvo, que tem a tendência de ser mais abstrato.

Sardinha (2007) exemplifica os conceitos de domínio fonte e domínio alvo com a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, em que o domínio alvo AMOR, de caráter mais abstrato, é estruturado com base no conceito de viagem, geralmente mais concreto. O autor ainda chama a atenção para o fato de que um mesmo domínio fonte pode servir a vários domínios alvo, como viagem, que é fonte do conceito de amor, bem como servir para o conceito de vida; assim encontramos a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM.

No capítulo introdutório de *Power of Metaphor: Examining its Influence on Social Life*, Landau, Robinson e Meier (2014) elaboram esquemas para a definição do domínio fonte e do domínio alvo a partir do conceito metafórico: O AMOR É UMA JORNADA. Acreditamos que esses esquemas exemplificam, de modo mais consistente, os conceitos de domínio fonte e domínio alvo e, por isso, julgamos pertinente reproduzi-los abaixo:

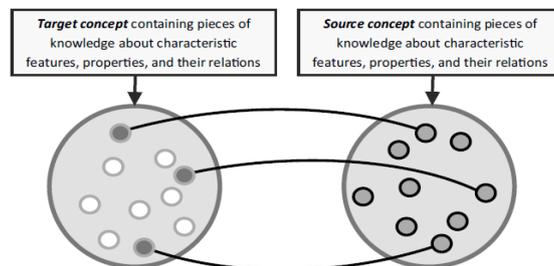


Figura 1: Esquemas para definição de domínios fonte e domínios alvo⁹

Fonte: Landau, Robinson e Meier (2014, p.6)

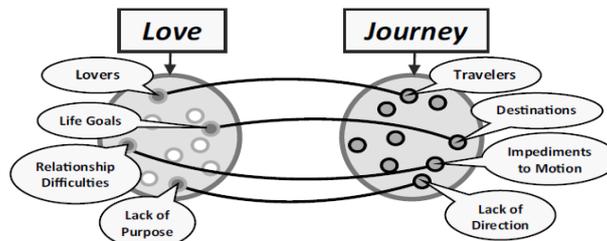


Figura 2: Esquemas para definição de domínios fonte e domínios alvo

Fonte: Landau, Robinson e Meier (2014, p.6)

⁹ Landau, Robinson e Meier (2014) preferem chamar os domínios fontes e domínios alvos de conceitos fontes e conceitos alvos. Embora a designação seja distinta, ela representa os mesmos conceitos propostos por Lakoff e Johnson.

Preocupados com o modo como as pessoas compreendem suas experiências e interessados em saber como apreendemos, compreendemos e agimos em função de um conceito, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) observam que a língua é a fonte de dados que permite formular princípios gerais acerca dessa compreensão. Tais princípios implicariam sistemas de conceitos, em vez de palavras ou conceitos individuais. Os dois teóricos argumentam que esses princípios são metafóricos por natureza e implicam que a compreensão de um tipo de experiência possa acontecer em termos de outro tipo de experiência.

2.2 AS METÁFORAS E A ESTRUTURAÇÃO DE CONCEITOS

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam de conceitos estruturas neurais que nos permitiriam caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar a partir delas. Nesse sentido, as categorias seriam, em sua maioria, não um produto consciente da razão, mas formadas automática e inconscientemente.

Ao sugerir que o sistema conceptual humano não é apenas o reflexo de uma realidade externa, os autores apontam para o fato de que os conceitos são modelados a partir de nossos corpos e cérebros, especialmente a partir de nosso sistema sensorio-motor. Logo, seria a natureza peculiar de nossos corpos – como nosso sistema visual que propiciaria a habilidade de conceptualizar relações espaciais – que teria importância nas possibilidades de formação de nosso sistema conceptual e das categorias que criamos.

Ao proporem que o sistema conceptual humano seria derivado especialmente de nossas experiências corporais, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que a maior parte de nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, ou seja, a maior parte dos conceitos é parcialmente compreendida em termos de outros conceitos. Nossas experiências corporais, por exemplo, propiciam a compreensão dos conceitos espaciais simples, como PARA CIMA, PARA BAIXO, FRENTE ou ATRÁS, os quais emergem de nossa constante experiência espacial ou experiência física direta, de nossa interação com o ambiente físico. O que os autores (2002 [1980], p. 128) afirmam ser uma “experiência física direta” não seria apenas a questão de possuir um corpo de determinada forma, mas uma “[...] questão de toda experiência acontecer dentro de uma vasta bagagem de pressuposições culturais”.

A ênfase sobre a fundamentação dos conceitos deve ser dada ao fato de que geralmente conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas, algo que não é claramente delineado em termos de algo mais claramente delineado. Em lugar de serem rigidamente definidos, os conceitos que brotam de nossa experiência são abertos – e, por isso, são as metáforas os instrumentos sistemáticos para auxiliar na melhor definição de um conceito, além de serem utilizadas para modificar ou ampliar seu âmbito de aplicabilidade.

Ao contrário da perspectiva objetivista, que pressupõe que as experiências e os objetos têm propriedades inerentes e que os seres humanos os compreendem com base nessas propriedades, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que compreendemos conceitos abstratos apenas parcialmente em termos de propriedades inerentes. A totalidade da compreensão dos conceitos aconteceria de forma metafórica, uma vez que os conceitos abstratos não são suficientes e claramente definidos em seus próprios termos para satisfazer propósitos de nosso cotidiano, exigindo uma definição metafórica, a qual geralmente acontece com base em domínios da experiência mais concreta, como orientação espacial, objetos e substâncias.

Cabe ressaltar mais uma vez que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) trabalham com a perspectiva de que cada metáfora referente a um conceito nos ajuda a criar alguns dos aspectos desse conceito, mas que nenhuma delas consegue, sozinha, auxiliar-nos no entendimento completo, consistente e abrangente de todos os aspectos de um conceito. No entanto, juntas, as metáforas podem nos ajudar na compreensão coerente de um conceito.

De acordo com Lakoff e Johnson (1991), nossos conceitos abstratos mais importantes, como o amor, a moralidade e o tempo, por exemplo, são conceptualizados através de múltiplas metáforas complexas. Essas metáforas seriam parte essencial do conceito e, sem elas, o conceito seria desprovido de toda estrutura conceitual e inferencial.

Pensando em como os conceitos são metaforicamente estruturados, em *Philosophy in the Flesh*, os autores (1991) afirmam que experiências subjetivas – desejo, afeição, intimidade, entre outras – seriam experiências produtivas, que fazem com que as maneiras como as conceptualizamos, raciocinamos sobre elas e as vivenciamos também sejam produtivas e, na maior parte das vezes, advindas

de outros domínios de nossa experiência. Um desses domínios seria o domínio sensório-motor, e o mecanismo cognitivo através do qual aconteceriam essas conceptualizações seriam as metáforas conceptuais.

Para finalizar esta seção, destacamos que, no paradigma cognitivista, a metáfora seria abordada como parte de um sistema, tanto na dimensão do pensamento quanto na linguagem. Estudos mais recentes deslocariam o foco no sistema para o foco no uso e, por isso, deparar-se-iam com a complexidade e a heterogeneidade do discurso. Essa linha de pesquisa é entendida por Vereza (2007) como uma hipótese pragmático-cognitiva, que toma a metáfora conceptual como um novo objeto de pesquisa, multidisciplinar, epistemologicamente consistente e bastante promissor em seu potencial analítico.

São as pesquisas na área da Linguística Aplicada que têm superado as limitações teórico-metodológicas dos estudos desenvolvidos nas áreas ditas mais puras – a semântica cognitiva, por exemplo, na qual o material linguístico utilizado nos estudos parte de exemplos inventados, uma vez que estes dão ênfase a amostras autênticas da língua em uso –, o que garante sua legitimidade e eficiência, tanto como objeto de estudo como garantindo evidências explicativas (VEREZA, 2007). Isso posto, na próxima seção apresentamos uma dessas propostas, que procura investigar o papel da metáfora no discurso.

2.3 A PROPOSTA DE CHARTERIS-BLACK – A ANÁLISE CRÍTICA DA METÁFORA

Ao sugerir uma proposta para a análise do papel das metáforas nos discursos, Charteris-Black (2004) mobiliza a interdependência de três domínios do saber – a semântica, a pragmática e a análise crítica do discurso – para que se possa desenvolver um modelo discursivo para a metáfora.

Desse modo, a característica que alicerça o projeto da Análise Crítica da Metáfora é o fato de a metáfora ter traços linguísticos, pragmáticos e cognitivos. Para ele, a dimensão pragmática, mesmo que tenha perdido espaço nas abordagens da semântica cognitiva, é importante. O linguista propõe retomar algumas concepções da metáfora defendidas por Ricoeur (1978 apud CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 2, tradução nossa), que demonstram como o aspecto pragmático das metáforas tem papel importante em sua compreensão: “[...] A metáfora mantém dentro de um simples significado, duas partes diferentes faltantes de contextos diferenciados de significado. Assim, não estamos mais lidando com uma simples transferência de palavras, mas com uma troca entre pensamentos, que é uma transação entre contextos”.

Nesse sentido, a abordagem da Análise Crítica da Metáfora destina-se a fornecer análises de metáforas a partir de seus contextos de produção via investigação de *corpus* advindos de diferentes campos do saber, como a política, a economia e a mídia. Além disso, Charteris-Black (2004) propõe que a dimensão pragmática da metáfora deveria ser analisada em termos de seus componentes ideológicos e retóricos, para que houvesse melhor compreensão das relações entre as formas externas da linguagem e as formas internas do pensamento humano.

Para o linguista (2004), a Análise Crítica da Metáfora identifica como o recurso metafórico pode ter um poderoso papel persuasivo, uma vez que integra recursos cognitivos e linguísticos com conhecimento histórico e cultural. O autor argumenta ainda que a metáfora é um conceito relativo¹⁰, o qual não pode ser definido por um único critério aplicado a todas as circunstâncias, ou seja, sua definição deve levar em consideração critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos, uma vez que um único critério não poderia definir um encaixe perfeito entre as intenções do “codificador” e as interpretações dos “decodificadores”.

Ao tomar a posição de que a metáfora não pode ser definida por um único critério, seja ele semântico ou pragmático, Charteris-Black (2004) advoga a favor de uma abordagem de análise que complemente as perspectivas da semântica cognitiva com a análise

¹⁰ Sobre essa definição, Charteris-Black (2004, p. 20, tradução nossa) alega que: “[...] a metáfora é um conceito relativo em vez de absoluto. É relativo uma vez que os significados das palavras mudam ao longo do tempo. Então, o que antes era metafórico pode se tornar literal, porque a consciência da metáfora depende em parte dos usuários da linguagem, ou seja, da experiência dos usuários da linguagem. [...] Dado que é improvável que haja conceito total sobre o que é ou não é uma metáfora, ou sobre o quanto o uso de uma determinada palavra ou frase é metafórico. Pode ser que as definições de metáfora precisem incorporar a linguística, uma orientação pragmática e cognitiva. O termo ‘metáfora’ pode se referir a um conjunto de características linguísticas, cognitivas e pragmáticas, todas ou algumas das quais são apresentadas em graus variados. A metáfora não é, portanto, um fenômeno exclusivamente linguístico, pragmático ou cognitivo”.

pragmática, tendo em vista que as metáforas seriam sempre utilizadas dentro de contextos específicos de comunicação que governariam suas funções. Desse modo, as funções cognitivas das metáforas não poderiam ser tratadas isoladamente de suas funções persuasivas no discurso.

Todavia, o valor da semântica cognitiva não é refutado em *Corpus Approches to Critical Metaphor Analysis*, pois, segundo o autor, a semântica cognitiva oferece um único conjunto unificado de critérios para a classificação das metáforas, o que permitiria comparações precisas de como a metáfora é utilizada em diferentes domínios discursivos (CHARTERIS-BLACK, 2004). Charteris-Black (2004) aponta para o fato de que a compreensão do porquê de uma metáfora conceptual ser preferível a outra deve considerar necessariamente a intenção do falante dentro de contextos específicos. Assim, as metáforas não seriam apenas um requerimento da semântica cognitiva, e sim questões de escolha do falante.

A Análise Crítica da Metáfora identificaria as proposições que sublinham a base cognitiva da metáfora e revelaria as intenções do falante ao utilizar essa ou aquela metáfora conceptual. Dessa forma, a proposta da Análise Crítica da Metáfora, ao integrar os conhecimentos da análise crítica do discurso¹¹ ao estudo do fenômeno metafórico, é defender o potencial da metáfora na construção de representações do mundo e na compreensão humana de vários aspectos da vida social e política, além de sublinhar seu papel vital na formação de crenças, atitudes e ações e na influência de condutas pessoais e sociais (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 28).

Charteris-Black (2004) reivindica a utilização de *corpus* – larga seleção de textos que derivam da língua em uso em um contexto – nas análises do processo metafórico, uma vez que se alinha com a ideia de que estudos da metáfora derivados de *corpus* são efetivos para demonstrar como avaliações e julgamentos são comunicados.

Entendendo o fenômeno metafórico para além da ótica cognitiva e priorizando a análise da metáfora como um fenômeno sociocognitivo, que nos possibilita capturar a maneira como lidamos com situações ordinárias é possivelmente determinar estratégias para alcançarmos certos objetivos – o que poderia muito bem acontecer em discursos médico-psiquiátricos –, pretendemos, na próxima seção, observar como a conceptualização do transtorno bipolar é atingida pelo fenômeno metafórico.

3 METODOLOGIA E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

O presente texto é um estudo qualitativo, que toma como suporte tanto a Teoria da Metáfora Conceptual quanto alguns postulados da Análise Crítica da Metáfora. Apesar dessas abordagens teóricas apresentarem um arcabouço teórico-metodológico consistente, em nosso trabalho, a presença do caráter interpretativista foi imprescindível na discussão apresentada na próxima seção.

A metodologia empregada na identificação das metáforas no *corpus* selecionado é proposta por Charteris-Black (2004)¹², distribuindo-se por três estágios sucessivos: identificação, interpretação e explicação das metáforas.

O processo de identificação corresponde à leitura atenta de textos para encontrar expressões linguísticas que, no estágio seguinte, podem licenciar metáforas conceptuais convencionais através de algumas palavras-chave. A identificação dessas expressões por meio da leitura também é descrita por Sardinha (2007). Para o autor existem duas variantes desse método: a leitura de textos sem nenhuma metáfora específica em mente, na tentativa de localizar uma variedade de expressões conforme o propósito do trabalho; e o ato de ler o texto tentando encontrar expressões linguísticas, as quais licenciariam metáforas conceptuais específicas e previamente definidas.

¹¹ A abordagem da Análise Crítica do discurso proposta por Charteris-Black (2004) deriva fundamentalmente da obra de Fairclough (1989 apud CHARTERIS-BLACK, 2004). Para o autor (2004, p. 29, tradução nossa): “[...] nas ciências sociais e humanas, o termo ‘crítico’ é freqüentemente usado para se referir as perspectivas teóricas e metodologias que visam alterar a ordem social e política existente. Portanto, a Análise Crítica do Discurso [...] preocupa-se em aumentar nossa consciência sobre as relações sociais que são forjadas, mantidas e reforçadas pelo uso da linguagem para mudá-las”.

¹² Charteris-Black (2004) propõe-se a ampliar a proposta metodológica apresentada em *Metáforas da vida cotidiana*, ao estudar as metáforas a partir de uma variedade de textos derivados da língua em uso. A noção da língua em uso indicaria que os dados da pesquisa não seriam inventados em benefício da teoria; ao contrário, emergiriam a partir de grandes e representativas amostras da língua. Além disso, essa metodologia não restringiria nem a seleção, nem o tamanho do corpus.

Charteris-Black (2004) argumenta que o estágio da interpretação das metáforas envolve o estabelecimento da relação entre as expressões linguísticas encontradas e fatores cognitivos e pragmáticos que podem determinar seu aparecimento. Na interpretação das metáforas, seria possível considerar a pró-atividade das escolhas metafóricas na construção de uma representação socialmente importante.

Já o estágio explicativo envolve a identificação dos aspectos sociais ligados à produção metafórica, o seu papel social na persuasão e, finalmente, o reconhecimento de suas funções no discurso, o que permite esclarecer suas motivações.

Com base nos três estágios que compõem a metodologia para a análise do processo metafórico, este estudo tomou como material de análise textos que consideramos essenciais para responder à questão com a qual nos ocupamos. Para isso, tomamos como foco da nossa análise artigos publicados no periódico *Debates em Psiquiatria*, entre os anos de 2012 e 2015, num total de sete artigos, mais duas publicações especiais destinadas exclusivamente ao transtorno.

Na seleção metafórica, optamos pelo *método de leitura*, uma vez que ele demanda a atenção do pesquisador à identificação das expressões linguísticas e permite o posicionamento deste frente à constituição do *corpus*.

Embora não tenhamos selecionado metáforas previamente, estabelecemos critérios para a identificá-las. Primeiramente, trabalhamos com textos publicados apenas na *Revista Debates em Psiquiatria*. A escolha desse periódico não se deu de forma aleatória; ela foi guiada principalmente pelo motivo de a revista ter amplo acesso e publicações dedicadas “exclusivamente” à classe médica, com artigos escritos por profissionais e especialistas dessa área, o que supunha um discurso mais especializado acerca do transtorno.

Na próxima seção apresentamos os artigos que foram selecionados para esse estudo. A partir da metodologia descrita, apresentamos, na próxima seção, a análise empreendida nesse estudo.

4 O TRANSTORNO BIPOLAR E AS METÁFORAS DA GUERRA

Diversos autores já demonstraram como as metáforas relativas às ideias de comando e controle militares há muito tempo estão presentes na medicina. Sontag (1984) ressaltou inclusive que elas teriam sido utilizadas, pela primeira vez, na nona década do século XIX, com a identificação das bactérias como agentes patológicos, sobre as quais se dizia que “invadem” ou “infiltram” os corpos. Ao traçar um importante paralelo entre o câncer e a terminologia militar utilizada para descrevê-lo, a autora (1984) afirma que todo médico e todo paciente estariam familiarizados com esse vocabulário, que, no caso do câncer, seria algo relativo a sítio e a guerra, com um contundente sentido literal e muita autoridade. O desenvolvimento clínico da doença e seu tratamento são descritos com referência a termos militares, e a própria doença é concebida como um inimigo, contra o qual a sociedade trava batalhas.

Na tarefa de compreender a constituição do conceito de bipolaridade, percebemos que os discursos da Psiquiatria, no *corpus* abordado nesta pesquisa, também se ajustaram às referências militares. Diferentemente do câncer, uma patologia da medicina orgânica, o transtorno bipolar seria uma patologia mental. Não obstante, as formulações linguísticas e conceituais encontradas em nossa análise sugerem uma tentativa de aproximação/assimilação da Psiquiatria à medicina orgânica, a fim de, possivelmente, legitimar um campo que, ao contrário desta última, permanece a uma certa distância do corpo anatomopatológico ou mesmo do corpo neurológico¹³ e, por essa razão, precisa apoiar-se em métodos e dispositivos mais “científicos” – como os propostos pela medicina orgânica – para validar seus diagnósticos. Cabe lembrar que, segundo Foucault (1975), a própria constituição da ideia de doença mental significou a transposição dos termos e expressões da medicina orgânica para medicina mental.

¹³ Com base em *O poder psiquiátrico*, Caponi (2012) distingue os estudos médicos anatômicos e neurológicos: os primeiros pensariam o corpo em termos de tecidos e órgãos, penetrando nos ínfimos detalhes do organismo profundo; os segundos seriam uma continuidade expandida da anatomopatologia, mas que, no século XIX, se limitavam a delinear uma descrição de superfície.

Os apontamentos foucaultianos mostram que a medicina mental tentou inicialmente decifrar a essência da doença mental, agrupando sinais que a indicariam. Constituíram-se então uma *sintomatologia* – na qual são realçadas as correlações constantes, ou somente frequentes entre um tipo de doença e sua manifestação débil – e uma *nosografia*, na qual as formas da doença são analisadas segundo suas fases de evolução, a alternância de sintomas e a sua evolução no decorrer da doença. Para Foucault (1975), essas análises têm a mesma estrutura conceitual encontrada na abordagem da patologia orgânica. Em ambos os casos, utilizam-se os mesmos métodos, a fim de organizar os sintomas em grupos patológicos. Ou seja, supõe-se que a doença é uma essência apontada pelos sintomas que manifestam. O filósofo francês (1975) ressalta que é somente pelo artifício da linguagem que se pode atribuir o mesmo sentido às doenças do corpo e às doenças do espírito.

Ao empregar as mesmas metáforas da medicina orgânica (embora existam práticas diferentes entre os dois campos, principalmente no que tange aos diagnósticos – na medicina orgânica o diagnóstico é diferencial; na Psiquiatria, ele é absoluto¹⁴), a Psiquiatria encontra sua legitimidade, como apontou Foucault em *O poder psiquiátrico*, quando afirmou que é pela sua relação com a anatomopatologia, com o hospital e com o nascimento da clínica que deve ser compreendido o discurso psiquiátrico (CAPONI, 2012).

No que se refere à análise que conduzimos, observamos que as metáforas militares, que se aplicam às patologias orgânicas, também se aplicam à doença bipolar, uma vez que as metáforas moldam e estruturam o pensamento (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Os médicos são soldados, e, como demonstramos abaixo, isso provavelmente afete e influencie a compreensão das pessoas sobre a patologia. O uso de termos bélicos colocaria, por exemplo, a doença no papel de adversário, o que poderia levar os pacientes a optarem por tratamentos mais agressivos (já que se age agressivamente em direção a inimigos) e justificaria a cruzada contra um oponente. Como apontaram Hauser e Schwarz (2015, p. 7): “[...] A sabedoria predominante na comunicação quando se refere a saúde é que o medo levantado pelo enquadramento inimigo vai motivar as pessoas a se engajar em comportamentos preventivos benéficos”

A partir da metodologia da Análise Crítica da Metáfora, nosso objetivo nesta seção foi descrever e classificar as metáforas conceituais com base no método de leitura, bem como propor algumas abordagens analíticas. A descrição e classificação das metáforas envolveu a identificação de domínios fontes, os quais licenciavam possíveis metáforas conceituais. Assim, as abordagens teóricas da Teoria da Metáfora Conceptual e da Análise Crítica da Metáfora fornecem evidências para que se possa pensar que o domínio fonte GUERRA licencia algumas metáforas, as quais podem ser percebidas através das expressões linguísticas¹⁵ que as verbalizam, como apontamos a seguir:

a) O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO:

- [...] Em dois grandes estudos com veteranos de guerra bipolares, [...]. (CASTRO COSTA; SILVA, 2011).

b) O MÉDICO É UM SOLDADO:

- [...] trabalhar com evidências médicas atualizadas mune o clínico com um melhor arsenal de conhecimento para aprimorar sua prática. (SILVA et al., 2011, p. 5).

- [...] daí a importância de continuar persequindo um melhor entendimento da complexidade do transtorno bipolar para assim estarmos aptos a desenvolver tratamentos alvos que não apenas atuem nas crises agudas e tratem suas recorrências, mas com a esperança de tratar sua causa e em última instância obter a cura. (SILVA et al., 2011, p. 5).

¹⁴ Em *O poder psiquiátrico*, Foucault (1975, p. 346) afirma que embora o diagnóstico psiquiátrico se realize “[...] aparentemente em certo nível como um diagnóstico diferencial de certa doença em relação a outra, a mania ou melancolia, histeria ou esquizofrenia, etc. [...] tudo isso, creio eu, não passa de uma atividade superficial e secundária em relação à verdadeira questão que é colocada em todo diagnóstico da loucura; e a verdadeira questão não é saber se é esta ou aquela forma de loucura, mas saber se é loucura ou não”.

¹⁵ Grifamos as expressões linguísticas que consideramos ser exemplos de expressões metafóricas.

- [...] No máximo, a presença desses sintomas pode indicar a necessidade de uma investigação mais criteriosa. (LAFER; NERY, 2011, p. 14).
- [...] Propõe-se à volta do raciocínio médico e da somatória de evidências clínicas para estabelecer o diagnóstico multiaxial e as estratégias de intervenção necessárias. (MORENO et al., 2012, p. 26).
- [...] o uso de instrumentos de rastreamento e entrevistas estruturadas pode auxiliar na identificação de pacientes com histórico de bipolaridade. (MORENO et al., 2012, p. 26).
- [...] apesar dessa estratégia mais tradicional ter ampliado o arsenal terapêutico para o TB. (CARVALHO, 2014, p. 27).
- [...] nosso grupo tem se dedicado a descobrir novos alvos bioquímicos. (VARELA et al, 2014, p. 7).
- [...] a presença desses sintomas em outros transtornos mentais dificulta a formulação de instrumentos precisos de rastreio diagnóstico para o TB. (SERPA et al, 2011, p. 34).

Nas metáforas conceptuais O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO e O MÉDICO É UM SOLDADO, o domínio fonte ativado é o de GUERRA, e o domínio alvo é o de TRANSTORNO BIPOLAR. O domínio fonte alicerça alguns mapeamentos:

- I. Soldados —→ médicos e pacientes;
- II. Armas —→ medicamentos, estudos clínicos, manuais diagnósticos;
- III. Conquistas —→ medicamentos e novos alvos bioquímicos que atuam na supressão dos sintomas;
- IV. Inimigo —→ transtorno bipolar.

A partir das metáforas conceptuais destacadas, percebe-se que o médico e o sujeito, supostamente afetados pela patologia, são conceptualizados como soldados que enfrentam um oponente comum. Assim identificados, os comportamentos posteriores (as conquistas médicas, como quando se descobre um novo fármaco que opere na diminuição dos sintomas; a opção pelo tratamento medicamentoso) relacionados a esses sujeitos vão envolver um tipo de engajamento ativo de ambos, e, por essa razão, são particularmente adequados à metáfora da guerra. Além disso, como mostrou Charteris-Black (2004), o domínio da guerra destaca os sacrifícios pessoais necessários para atingir um objetivo, o que, no caso em tela, afetaria a conduta de médicos e pacientes.

Na formulação estratégias de intervenção necessárias, a ideia difundida pela metáfora é a da prevenção contra um inimigo. Por essa razão, acreditamos que as metáforas conceptuais O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO SENDO ATACADO e O MÉDICO É UM SOLDADO implicam a presença de uma metáfora ontológica, que deriva da personificação da própria doença, dando origem à metáfora conceptual A BIPOLARIDADE É UMA ENTIDADE.

As metáforas ontológicas permitem que, ao conceptualizarmos nossas experiências em termos de objetos e substâncias, possamos selecionar partes da experiência e tratá-la como entidade discreta de uma espécie uniforme. Identificando essas experiências como entidades, podemos categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e, em virtude disso, raciocinar sobre elas (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Uma extensão das metáforas ontológicas, a personificação, permite dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos.

A partir da conceptualização da bipolaridade como uma entidade, os autores dos textos analisados podem se referir à doença, identificar seus aspectos particulares, vê-la como causa de problemas, agir em relação a ela e acreditar que a compreendem. A metáfora A BIPOLARIDADE É UMA ENTIDADE, tendo em vista as expressões linguísticas que a verbalizam, sugere que esse conceito seja desenvolvido nos artigos como A BIPOLARIDADE É UM ADVERSÁRIO/INIMIGO, por meio da personificação da doença. A bipolaridade é compreendida em termos de atividades humanas, como demonstram as expressões linguísticas abaixo:

c) A BIPOLARIDADE É UM ADVERSÁRIO/INIMIGO

- [...] A doença se manifesta precocemente justamente na fase formativa da vida e o impacta na esfera cognitiva e emocional do desenvolvimento, o que se traduz [...]. (SILVA et al., 2011, p. 5).

Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a personificação de entidades pode ser muito mais específica do que simplesmente pensar em conceitos não humanos como humanos. A personificação nos fornece uma maneira singular de pensar sobre esses conceitos e também agir em relação a eles:

A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos de considerá-la. O que todas têm em comum é o fato de serem metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 88-89)

Conceptualizar a bipolaridade como uma pessoa, e mais precisamente como um adversário, gera as inferências de que a doença pode atacar o sujeito afetado pelo transtorno, feri-lo, causar prejuízos. A conceptualização do transtorno como inimigo produz e justifica as ações tomadas no “combate” à doença, que, como destacamos, são pautadas nas metáforas militares. É pela metáfora do inimigo que se enfatiza o poder, a força do transtorno e as medidas necessárias em seu combate ou na tentativa de cura, mesmo que esta seja improvável.

São as relações isomórficas entre os domínios da doença e da guerra que propiciam um roteiro compartilhado para uma série de atividades ritualizadas: inicialmente há uma ameaça e a identificação de um inimigo; então há um chamado à ação em que os aliados são convocados para luta, a qual finalmente pode conduzir à vitória, à rendição e a alguma forma de punição. As metáforas de guerra, portanto, evocam um roteiro cognitivo particular (CHARTERIS-BLACK, 2004).

Além dos exemplos para respaldar ainda mais a presença do domínio fonte da guerra ao longo do *corpus*, acreditamos que a metáfora A BIPOLARIDADE É UM INIMIGO também pode se especificar em outra metáfora conceptual: BIPOLARIDADE É ENTIDADE A SER CONTROLADA.

Na primeira formulação destacada – a bipolaridade manifesta-se –, o fato de a afecção manifestar-se gera a inferência de que, muito antes do surgimento dos primeiros sintomas, a bipolaridade já existe como doença, como um inimigo secretamente instalado na mente do sujeito afetado.

Nesse sentido, pode-se conjecturar que, se existe algo conceptualizado como um inimigo, é procedente que se criem estratégias que o controlem e combatam. Nos artigos que selecionamos, essa estratégia, que não coincidentemente também é sustentada pelas metáforas militares, é a estratégia medicamentosa.

Identificamos, a seguir, expressões linguísticas que verbalizam o conceito metafórico A MEDICAÇÃO É UMA ENTIDADE, metáfora ontológica que se especifica na personificação da medicação, resultando no conceito A MEDICAÇÃO É UM AGENTE, como nas formulações a seguir:

d) A MEDICAÇÃO É UM AGENTE:

- [...] os agentes anticonvulsivos e os antipsicóticos de segunda geração [...]. (COSTA; SILVA, 2011, p. 8).

“[...] No entanto, alguns dos estabilizadores de humor disponíveis apresentam um perfil melhor de eficácia sobre os sintomas depressivos da fase aguda da depressão bipolar, ou na prevenção de novos episódios depressivos. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).

- [...] essa boa ação antidepressiva em monoterapia *do lítio* descrita por diversos autores, não se confirma, porém, na prática clínica [...]. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).
- [...] para que o lítio exerça atividade antidepressiva na depressão bipolar [...]. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).
- [...] esse agente farmacológico capaz de tratar a depressão de forma rápida e segura. (LAFER; NERY, 2011, p. 19).
- [...] O tamoxifeno é o único inibidor da PKC que passa a barreira hemato-encefálica. (MORENO; MORENO, 2011, p. 10).

Nesse cenário, a medicalização – processo pelo qual problemas que não eram considerados de ordem médica passaram a ser vistos e tratados como problemas médicos (BRZOZOWSKI, 2013) – é justificada pelo uso das metáforas militares O TRANSTORNO BIPOLAR É UM INIMIGO e A MEDICAÇÃO É UM AGENTE. A conceptualização dos medicamentos como *agentes* consegue fazer com que eles funcionem eficazmente como símbolos da restauração de uma presumida “sanidade”, uma vez que essas metáforas também evidenciam a idealização de um herói capaz de restaurar os valores morais da vítima. Além disso, como apontou Martins (2015) em um trabalho acerca das metáforas utilizadas na divulgação científica, o tratamento medicamentoso da bipolaridade pode ser conceptualizado pela metáfora TRATAMENTO DA BIPOLARIDADE É GUERRA, e esse uso estaria atrelado à intenção de conceptualizar a doença negativamente (MARTINS, 2015), por se tratar de um mal incurável que demanda esforços numa tentativa de normalização.

Sobre a estratégia medicamentosa, amplamente difusa na Psiquiatria moderna, Roudinesco (2000, p. 21) argumenta que, a partir de 1950, as substâncias químicas modificaram a paisagem da loucura.

Esvaziaram os manicômios e substituíram a camisa-de-força e os tratamentos de choque pela redoma medicamentosa. Embora não curem nenhuma doença mental ou nervosa, elas revolucionaram as representações do psiquismo, fabricando um novo homem, polido e sem humor, esgotado pela evitação de suas paixões, envergonhado por não ser conforme ao ideal que lhe é proposto.

Embora reitere que a psicofarmacologia possibilitou a reintegração dos doentes mentais à cidade e fez com que os tratamentos antigos fossem parcialmente abandonados, a psicanalista afirma que os psicotrópicos teriam o efeito de normalizar comportamentos e eliminar os sintomas mais dolorosos do sofrimento psíquico, sem buscar-lhes a significação. A psicofarmacologia teria se tornado o estandarte de um tipo de imperialismo que, de fato, permite que médicos abordem da mesma maneira todas as doenças, sem que jamais se saiba de quais tratamento elas dependem.

A medicalização¹⁶ do transtorno bipolar é tema recorrente nos artigos selecionados para este estudo – ela aparece em cinco dos dezesseis artigos selecionados –; e, em um dos textos, os autores afirmam: “este transtorno ganhou novo interesse por parte da comunidade médica a partir de publicações que sugeriam tratamentos farmacológicos para o transtorno [...]” (BASTOS LIMA et al. 2012, p. 30).

Em outra publicação da *Revista Debates em Psiquiatria*, Carvalho (2014) afirma que o tratamento medicamentoso convencional do transtorno teria eficácia limitada, não atuando na diminuição ou na remissão dos sintomas afetivos e nas disfunções cognitivas/funcionais em uma significativa proporção de pacientes. Por essa razão, lamenta ele a falta de esforços para a descoberta de novos fármacos.

A disponibilidade de novos fármacos no tratamento de sintomas é vista por De Aguiar (2004) como um dos motivos pelo qual os médicos aplicam certos diagnósticos ao reconhecer em seus pacientes determinadas características, sinais e sintomas:

¹⁶ O conceito de medicalização faz referência à expansão da jurisdição da profissão médica para novos domínios, sobretudo aqueles ligados a problemas considerados de ordem espiritual/moral ou legal/criminal. (AGUIAR, 2004).

[...] Quando um novo antidepressivo é lançado no mercado trazendo características de ser também um ansiolítico, diferentemente de seus antecessores, o médico prestará muito mais atenção à existência de sintomas ansiosos em seus pacientes. Isso terá efeitos na maneira como ele dirigirá suas perguntas ao paciente, e este, por sua vez, valorizará determinados elementos das experiências vividas em função do interesse médico. (DE AGUIAR, 2004, p. 84).

Então, seria a existência de um medicamento – conceptualizado como um agente, que funcionaria como marcador diagnóstico, já que ainda não existem marcadores biológicos nem uma teoria biológica consistente e unificada sobre os transtornos mentais fixando esses diagnósticos (DE AGUIAR, 2004) – que, de certo modo, passaria a legitimar a existência real de um transtorno mental, tornando relevante o recrutamento de pacientes que respondam ao medicamento.

Assim, as metáforas conceptuais que apareceram nos textos analisados validam e legitimam a presença do psiquiatra e dos medicamentos no tratamento da bipolaridade. É o domínio fonte da guerra – precisamente da guerra justa, conceito que admitiria situações em que as guerras são moralmente justificáveis e toleradas em face de um inimigo que toma, à força, os valores morais da vítima – que justifica intervenções medicamentosas ou não; o tratamento da bipolaridade é moralmente justificado, pois o sujeito afetado precisaria retornar a sua suposta normalidade. A partir do conceito de guerra, as intervenções são inquestionáveis, já que, de fato, a guerra é baseada em ações realizadas por agentes (soldados) que se utilizam de instrumentos para atingir um alvo, identificado como inimigo.

Temos, portanto, a evidência de um encadeamento metafórico em que a coerência entre as metáforas e a própria coerência dos discursos analisados é explicada pela metáfora conceptual A BIPOLARIDADE É UM INIMIGO/ADVERSÁRIO.

Reiteramos que, além de estratégia discursiva, as metáforas são uma estratégia cognitiva, que possibilita a constituição do transtorno bipolar enquanto inimigo não apenas por processos epistemológicos, mas também por processos cognitivos que fazem com que objetos incertos, como a bipolaridade, tornem-se alvo de ingerência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou da metáfora, precisamente da metáfora conceptual nos discursos psiquiátricos acerca do transtorno bipolar. Apostamos na hipótese de que muitas metáforas seriam utilizadas para inteligir um suposto transtorno que tem sido alvo de ingerência médica e psiquiátrica, principalmente após a ampliação das fronteiras diagnósticas e da viragem biológica da Psiquiatria. Ao percorrer o corpus selecionado, evidenciamos a presença de inúmeras metáforas conceptuais ligadas ao domínio fonte GUERRA.

Dessa forma, percorremos as bases teóricas que sustentavam nosso estudo e amparados nelas, localizamos expressões metafóricas que verbalizam as metáforas militares na descrição da bipolaridade, dos sujeitos afetados pela doença, assim como a conceptualização de médicos e das medidas terapêuticas adotadas na tentativa de normalização de comportamentos.

Sobre as metáforas militares, observamos que elas não são utilizadas no sentido de “proteger”, mas no sentido de combate, descrevendo o papel do médico como aquele que apreende e conquista a verdade da bipolaridade. Além disso, a doença, associada à metáfora militar, sempre aparece fortemente marcada por subjetivações negativas, fato que ressalta a crítica amplamente discutida acerca dessas metáforas no âmbito da saúde, uma vez que elas colocariam o paciente e a doença em posições contrárias, como adversários, e sugeririam que não se recuperar é uma derrota pessoal. (SEMINO et al., 2015). Além disso, as metáforas militares sugerem uma aproximação (e um enquadramento da experiência subjetiva) de um sofrimento psíquico à experiência de guerra, dado capaz de gerar as inferências de violência e ameaça, lançando o sujeito supostamente afetado em um ambiente agressivo no qual assume o papel de um *veterano de guerra*.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSTORNO BIPOLAR. Disponível em: <http://www.abtb.org.br/transtorno.php>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Disponível em: <http://www.abp.org.br/portal>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- BASTOS LIMA, Alexandre et al. Transtorno Afetivo bipolar em idosos. *Revista Debates em Psiquiatria*. v. 2, n 3, mai/jun 2012, p. 30-33. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_9_mai_jun_2012.pdf. Acesso em: 09 mar. 2015.
- BRZOZOWSKI, F. S. *Explicações reducionistas no discurso científico sobre o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade desde 1950*. 2013. 283 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2013.
- CAPONI, S. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- CARVALHO, A. F. Novos alvos terapêuticos para o transtorno bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, v. 4, n 2., mar./abr. 2014 p. 26-31. Disponível em: <http://www.abp.org.br/download/2014/RDP2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2004.
- COSTA, É.; SILVA, A. G. A adesão terapêutica no transtorno Bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 01, n.5, p. 08-11, set./out. 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAJ:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.
- DE AGUIAR, A. A. *A Psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Trad. de Lilian Rose Shalders. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUEDELHA, C. A. M. *A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*. 2013. 317 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.
- HAUSER, D. J.; SCHWARZ, N. The war on prevention: bellicose cancer metaphors hurt (some) prevention intentions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 41, n. 1, p. 66-77, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267742043>. Acesso em: 12 jan. 2017
- LAFER, B.; NERY, F. G. Tratamento da depressão bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*. v.5, p. 14-20, 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAJ:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: WDU, 2002. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: University of Chicago Press, 2008.

_____. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANDAU, M. E.; ROBINSON, M. D.; MEIER, B. P. *The power of metaphor: examining its influence on social life*. Washington, DC: American Psychological Association, 2014.

LANGDON, E. J. Cultura e os processos de saúde e doença. In: SEMINÁRIO CULTURA, SAÚDE E DOENÇA, 2003, Londrina. *Anais...* Londrina, Ministério da Saúde; Universidade Estadual de Londrina, e Secretaria Municipal de Ação Social/Prefeitura Municipal de Londrina, 2003. p. 91-107.

LIMA, M. S. de et al. Epidemiologia do transtorno bipolar. *Archives of Clinical Psychiatry*, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/2365/S0101-60832005000700003.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 fev. 2017

MARTINS, B. S. The reinvention of disability: new metaphors in the nature of bodies. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 264-271, 2015.

MORENO, D. H.; MORENO, R. A. Tratamento de episódios maníacos e mistos. *Revista Debates em Psiquiatria*, v.6. p. 06-17, 2011. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_6.pdf. Acesso em 10 mar. 2015

MORENO, R; A. et al. Transtorno bipolar: uma doença heterogênea que requer uma perspectiva mais ampla de abordagem. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 2, n. 6. p. 26-30, 2012. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates11_set_out_2012.pdf. Acesso em 10 mar. 2015.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SEMINO, E. et al. The online use of Violence and Journey metaphors by patients with cancer, as compared with health professionals: a mixed methods study. *BMJ Supp Palliative Care*. V. 7, p. 60-66. 2017. Disponível em: <https://spcare.bmj.com/content/bmjspcare/early/2015/03/05/bmjspcare-2014-000785.full.pdf>. Acesso em 27 fev. 2017

SERPA, G. et. al. Tratamento de prevenção secundária. *Revista Debates em Psiquiatria*, v.6. p. 34-45, 2011. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_6.pdf. Acesso em: 10 mar. 2015

SILVA, A. G. et al. Especial transtorno Bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 1, n. 5. p. 5. 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAJ:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, A. G. da; BUENO, J. R. Psiquiatria em teoria e prática. [Editorial]. *Debates em Psiquiatria*, ano 3. n. 2. p. 3, mar./abr. 2013. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_14_web_.pdf. Acesso em: 14 mar. 2015.

SONTAG, S. *A doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VARELA, R. B et al. Modelo animal induzido por anfetamina como método de identificação de novos alvos terapêuticos para o transtorno bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*. Ano 4, nº 2. 2014 p. 06-11. Disponível em: <http://www.abp.org.br/download/2014/RDP2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

_____. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013.

ZANOTTO, M. S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998. p. 13-38.



Recebido em 20/08/2018. Aceito em 02/10/2018.